

BULLYING: CONCEITOS E IMPLICAÇÕES NO PROCESSO ENSINO- APRENDIZAGEM

Giliani Nandi Guarezi¹

Richard Ferreira Sene²

Resumo: A pesquisa é de nível de graduação, e teve como objetivo verificar a percepção de um grupo de professores dos anos iniciais de uma escola privada e uma escola pública do município de Tubarão/SC, acerca do fenômeno *Bullying* no ambiente escolar. Foi realizada uma pesquisa de campo, de natureza quali-quantitativa e de caráter descritivo. A coleta de dados foi feita através de um questionário, contendo dez perguntas de múltipla escolha, aplicada com nove professores das séries iniciais. Os entrevistados eram todos do sexo feminino com idades entre 30 a 39 anos. As análises dos resultados indicam que ainda ocorrem casos de *Bullying* no âmbito escolar, que há desafios a serem vencidos quanto ao processo de ensino-aprendizagem, alguns professores mencionam que buscam sempre melhor qualificação para trabalhar com seus alunos e foram unânimes em mencionar que se importam com o sucesso e o fracasso de seus alunos. Acreditam, em sua maioria, que o *Bullying* vem crescendo no ambiente escolar, tanto na escola pública quanto na privada.

Palavras-chave: *Bullying*; Escola; Formação de professores.

1. INTRODUÇÃO

O *Bullying* é um fenômeno que já ocorre há muitos anos, porém nos dias atuais, o *Bullying*³ vem se tornando um assunto muito comentado e conhecido. De acordo com (Olweus 1991, *apud* MEDEIROS 2012), o *Bullying* é uma palavra usada para designar relações de conflito e agressões mantidos por muito tempo sobre um aluno sem resistência física e psicológica em diferentes contextos.

O que se percebe é que o *Bullying* vem acontecendo principalmente no contexto escolar, prejudicando tanto desenvolvimento, aprendizagem, emocionalmente e psicologicamente as crianças e adolescentes. Autores como Fante e Pedra (2008) mencionam

¹ Acadêmica do curso de Pedagogia da Universidade do Sul de Santa Catarina. Endereço de e-mail: gily_guarezi@hotmail.com

² Professor Orientador. Doutor. Curso de Pedagogia na Universidade do Sul de Santa Catarina. E-mail: richardsene@gmail.com

³ Grifo dos autores para palavra de origem na língua inglesa.

que dependendo da estrutura psicológica de cada indivíduo, poderá mobilizar sentimentos de tristeza, ansiedade, tensão, medo, raiva, rejeição, desejos de vinganças, pensamentos suicidas, entre outros fatores.

Com isso, trabalhar esta questão desde muito cedo nas escolas é de extrema importância, (HOERTEL 2013), pois o fenômeno é uma epidemia psicossocial e pode ter consequências graves. As crianças sabendo brevemente os prejuízos que “brincadeiras” indesejadas podem acarretar na vida de um indivíduo, talvez tomem consciência de que o *Bullying* é algo realmente sério, que afeta emocionalmente e fisicamente a vítima.

Hoertel (2013) menciona a importância de trabalhar o *Bullying* no âmbito escolar, pois se faz necessário fazer parâmetros de conhecimentos e aprendizagens, tanto para a escola, como para o sistema de ensino, ajudando assim a repensar sobre este tema que atinge tantos estudantes dentro e fora da escola.

Pensando nessas questões, o objetivo desta pesquisa foi verificar a percepção de um grupo de professores dos anos iniciais de uma escola pública e uma escola privada do município de Tubarão/SC, acerca do fenômeno *Bullying* no ambiente escolar; entre os específicos ficou identificar os reflexos no processo de ensino-aprendizagem na vida das crianças e adolescentes.

É importante todos, tanto os pais, profissionais e comunidade estarem atentos a esse fenômeno, para tornar a escola um ambiente livre da violência, um lugar de ensino e que as crianças e adolescentes sintam-se seguros e amparados no âmbito escolar.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 BULLYING: BREVE HISTÓRICO

O *Bullying* começou a se manifestar de acordo com Quintanilha (2011), através do pesquisador Dan Olweus e seus estudos realizados na Noruega, onde obtiveram bastante repercussão. Com isso, o governo norueguês atentou seu olhar para essa violência apenas após o suicídio de três crianças entre 10 e 14 anos, que provavelmente foi influenciado por atos de maus tratos dos colegas.

O mesmo autor ainda destaca que após ocorrer este fato, as autoridades norueguesas realizaram no ano de 1993, em escala nacional, a Campanha Anti-*Bullying* nas escolas, e após

esta campanha houve um índice reduzido de *Bullying* e evasão escolar, viabilizando a melhora no desempenho escolar.

A autora Cleo Fante (2005) enfatiza a importância do pesquisador norueguês por ter desenvolvido critérios para diagnosticar o *Bullying*.

Dan Olweus, pesquisador da Universidade de Bergen, desenvolveu os primeiros critérios para detectar o problema de forma específica, permitindo diferenciá-lo de outras possíveis interpretações, como incidentes e gozações ou relações de brincadeiras entre iguais, próprias do processo de amadurecimento do indivíduo. (FANTE, 2005, p. 45)

O pesquisador Dan Olweus usou um questionário, a fim de identificar como acontecia o *Bullying*, de que forma, qual era a frequência, entre outros aspectos. Com intuito de diferenciar o que era realmente *Bullying* e o que era apenas brincadeiras da própria idade das crianças.

Quintanilha, (2011), destaca que estes questionários percorreram diversos países, e no Brasil houve uma adaptação pela Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e a Adolescência.

2.2 ETIMOLOGIA DA PALAVRA *BULLYING*

De acordo com Vechi (2012), a origem da palavra é de origem inglesa e sem tradução ainda no Brasil, é utilizada para designar atos violentos no âmbito escolar, profissional e familiar, com o intuito de causar dor ou desconforto para quem sofre.

Segundo a autora Fante (2005 *apud* TORO, NEVES E REZENDE 2010) o *Bullying* tem várias denominações:

Outros países adotaram denominações distintas para este fenômeno: “mobbing” na Noruega e Dinamarca, “mobbinig” na Suécia e na Finlândia, “harcèlementquotidién” na França, “prepotenza ou bullismo” na Itália, “yjime” no Japão, “agressionemuntershülern” na Alemanha, “acoso y amebaza” entre escolares na Espanha e “maus-tratos entre pares” em Portugal. Contudo, o termo *bullying* é conhecido mundialmente em prol de facilitar a comunicação entre povos.

O *Bullying* é um fenômeno relativamente “novo” (MEDEIROS, 2012), apesar de ter várias denominações, todos têm o mesmo significado.

2.3 CONCEITO E CARACTERÍSTICAS

De acordo com Moz e Zawadski (2007), o *Bullying* envolve atos, palavras ou comportamentos prejudiciais intencionais e repetidos. Ainda segundo os autores, os comportamentos são variados, podem ser palavras ofensivas, humilhação, difusão de boatos, fofocas, exposição ao ridículo, transformação de bode expiatório e acusações, isolamento, socos, agressões, ameaças, ofensas raciais, étnicas, de gêneros, entre outros aspectos. O *Bullying* acontece de forma aleatória.

No Brasil ainda não há uma lei específica sobre o *Bullying*, porém, de acordo com Silva, Dascanio e Valle (2016), na Lei 14.651/09 de Santa Catarina (2009), configura-se o *Bullying* como atitudes agressivas, repetitivas, que causam sofrimento e são executadas em uma relação de desigualdade de poder.

De acordo com Hoertel (2013) os *Bullying* mais encontrados são:

Físico: Traz danos físicos à vítima, onde o agressor bate, puxa cabelo, belisca, morde, prende a pessoa em algum lugar, ou realiza algum outro ato violento por um pequeno motivo ou sem motivo nenhum.

Verbal: É o mais comum e mais difícil de ser identificado. São as famosas piadinhas, gozações, apelidos, ameaças e fofocas. A diferença entre uma brincadeira e o *Bullying*, é que na brincadeira todos se divertem, e no *Bullying* o alvo das piadas sofre.

Material: É o ato de esconder, sujar, rasgar, estragar, danificar os pertences da vítima.

Moral ou sentimental: Este tipo é muito parecido com o verbal, porém as principais diferenças são que, neste, não existem provocações, somente apelidos que atacam diretamente o lado emocional da vítima.

Psicológico: é uma variação de verbal e moral. Pode fazer com que a pessoa sempre pareça culpada, onde os agressores fazem de tudo para prejudicar a vítima. Neste tipo de *Bullying*, podem acarretar na vítima, problemas como depressão e mania de perseguição.

Sexual: Este é mais comum com as meninas. Um caso muito comum neste tipo, é quando a vítima está alcoolizada, ou de alguma forma indefesa.

Virtual ou cyberbullying: É feito através da internet, podendo ser feito através de um perfil falso ou anônimo. Pode ser uma ameaça, uma *zombaria* direto com a vítima, fofoca

em grupos de pessoas, entre outros. Atualmente com a tecnologia sendo usada pela maioria das pessoas, o *cyberbullying* vem acontecendo com mais frequência.

Hoertel (2013) ainda menciona, que além destes principais tipos de *Bullying*, um que vem ganhando espaço e já passa a ganhar uma denominação específica é o *Bullying* homofóbico, sendo utilizado para nomear a violência sofrida por alunos (as) gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais.

Silva (2006 *apud* SILVA, DASCANIO E VALLE 2016) cita que estes tipos de *Bullying* dizem respeito a ferir a integridade do outro. Infelizmente as vítimas de *Bullying* raramente sofrem com apenas um tipo, vem sempre acompanhado de duas ou mais formas de agressões.

Quanto à incidência do *Bullying*, de acordo com Fante e Pedra (2008), os índices revelam que a ocorrência entre meninos é maior. Enquanto os meninos utilizam os maus-tratos físicos e verbais, as meninas se valem mais de maledicência, fofocas, difamação, exclusão e manipulação. É mais difícil identificar o *Bullying* entre as meninas, por acontecer em círculo restrito de amizades. Já os meninos praticam em uma forma “mais geral”, conseguindo-se identificar mais facilmente.

2.4 CARACTERIZAÇÃO DOS PROTAGONISTAS - AGRESSORES, VÍTIMAS E ESPECTADORES.

Há diversas formas de ataque de *Bullying*, os agressores gostam de agir com impulso, provocando os colegas de todas as formas.

Os autores Moz e Zawadski (2007 p. 21) mencionam:

Os *bullies* sempre encontrarão de seu interesse em uma pessoa: ser gorda demais, magra demais, usar óculos, trabalhar bem, andar de cadeiras de rodas, usar a roupa inadequada, ser passiva ou independente demais, ter a cor, a origem étnica, o sexo, a religião, a origem socioeconômica ou a orientação sexual diferente, gostar do chefe, ser simpático, ser quieto, etc.

Fante e Pedra (2008) afirmam que os agressores são imaturos, gostam de aterrorizar os mais fracos e indefesos. São prepotentes, arrogantes, estão sempre metidos em confusões e desentendimentos. Utilizam várias formas de maus-tratos para tornarem-se mais populares.

Os agressores, normalmente, são do sexo masculino com tendências a valorização do seu domínio físico. Olweus (1993 *apud* PEREIRA, 2002) cita dois tipos de agressores: os passivos ou seguidores e os típicos. O primeiro tipo constitui um grupo de alunos que participam das agressões, mas não são os que tomam a iniciativa de agredir. Já os típicos provocadores têm um tipo de reação agressiva combinado com a força física.

O *Bullying* se apresenta de formas variadas dependendo do contexto em que está inserido. Porém, as vítimas têm um perfil parecido, geralmente são isolados, tímidos, são vistos como “diferentes”.

De acordo com Fante (2005, *apud* LEMOS, 2007):

A vítima tem um perfil característico que compreende: timidez, ansiedade, insegurança, falta de habilidade para se impor, medo de denunciar os agressores, baixa autoestima, o que a torna vulnerável e passiva. Em alguns casos possui certas peculiaridades físicas ou comportamentais, que a diferencia dos demais chamando assim a atenção do agressor.

Já os espectadores, segundo Fante e Pedra (2008), representam a maioria dos alunos de uma escola. Eles não sofrem nem praticam *Bullying*, mas sofrem as consequências por presenciar as situações vivenciadas pelas vítimas. Alguns não “se metem”, apenas ignoram, outros dão risadas, outros fingem se divertir a fim de escapar dos ataques dos agressores.

2.5 BULLYING NO ÂMBITO ESCOLAR

A escola é um ambiente de socialização, integração, aprendizagem, onde se espera que traga conhecimentos, valores e coisas boas, jamais se espera que seja um ambiente de violência. Infelizmente, o fenômeno *Bullying* vem acontecendo principalmente dentro do contexto escolar.

De acordo com Oliveira (2012), o *Bullying* escolar é uma forma de violência caracterizada por agressões morais e físicas entre os alunos, sejam crianças, adolescentes ou jovens e até mesmo o professor, dentro do ambiente escolar.

Oliveira (2012) menciona que antigamente a escola era vista como um lugar seguro, legal, onde criavam-se laços de amizade. Lamentavelmente isso vem diminuindo mais e mais.

Segundo Abramovay (2002 *apud* OLIVEIRA 2012):

A escola não seria mais representada como um lugar, seguro de integração social, de socialização, não é mais, um espaço resguardado; ao contrário, tornou-se cenário de ocorrências violentas. Desse modo, percebe-se que a instituição escolar vem enfrentando profundas mudanças com o aumento das dificuldades cotidianas, que provêm tanto dos problemas de gestão e das suas próprias tensões internas quanto da efetiva desorganização da ordem social, que se expressa mediante fenômenos exteriores à escola, como a exclusão social e institucional, a crise e o conflito de valores e o desemprego.

Oliveira (2012) ainda menciona que estudos mostram que os jovens não têm mais esperanças nas escolas, vão apenas porque são obrigados ou para cumprir horas e se divertir, fazendo de tudo, menos estudar. Passando a ser um passatempo, onde poucos são os que dão o devido valor.

No contexto escolar, sabe-se que podem ocorrer brigas, desentendimentos, por ser um lugar onde contém um número muito grande de pessoas em um mesmo espaço, porém é fundamental que os professores e profissionais das instituições saibam diferenciar o que é apenas uma “briga boba”, de uma perseguição e das formas de *Bullying*.

É muito importante os professores estarem buscando sempre novos conhecimentos sobre temas tão importantes como o *Bullying*, pois poderá ajudar alunos que estão passando por isso, de modo que passe segurança e confiança a eles, a fim de contribuir para combater o *Bullying*.

Em um estudo realizado nos Estados Unidos⁴, 87% dos ataques em escolas são motivados pelo *Bullying*, onde a maioria dos assassinos eram adolescentes e tinham fácil acesso a arma de fogo. O estudo ainda menciona que 70% dos ataques em escolas aconteceu nos Estados Unidos, onde levantou que 160 mil alunos faltam diariamente no colégio por medo de sofrer humilhações, surras ou agressões verbais.

Assim como um massacre bastante chocante que aconteceu no ano de 1999 em uma escola nos Estados Unidos, o “Massacre de *Columbine*”⁵ foi uma tragédia que deixou um rastro doze mortos e cinquenta feridos. Dois adolescentes invadiram a escola e atiraram contra professores, estudantes e funcionários. Após o ataque, os adolescentes se suicidaram. Uma das motivações do ataque, foi que os adolescentes sofreram *Bullying* durante quatro anos sendo considerados alunos “perdedores e sozinhos”.

⁴ O GLOBO. Disponível em: <<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2010/06/pesquisa-do-ibge-aponta-brasilia-como-campea-de-bullying.html>> Acesso: 20 out. 2017.

⁵ O GLOBO. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2012/07/ataque-escola-columbine-em-1999-deixou-15-mortos.html>> Acesso: 22 out. 2017.

Há diversos casos de *Bullying* que levam a tragédias como suicídios e homicídios. Atualmente um caso que chocou o Brasil e teve como referência o “Massacre de *Columbine*”, aconteceu em Goiânia, onde um adolescente atirou em alguns alunos de sua sala. De acordo com o site Terra (2017)⁶, o adolescente matou duas pessoas e deixou quatro feridos. Algumas testemunhas comentam que o motivo seria pelo adolescente ser zombado e sofrer *Bullying* o tempo todo, por ter “mau-cheiro”.

Após este ataque, o tema *Bullying* acabou sendo questionado por várias pessoas, criticando a falta de ações das escolas contra este fenômeno, que vem se alastrando em nossa sociedade.

De acordo com Silva (2010 p. 34):

Para combater o *Bullying* no âmbito escolar, deve-se primeiramente ter o reconhecimento que o mesmo existe, pois muitos estabelecimentos escolares negam que este fato ocorra. Todavia, não há como esconder este problema que está presente em nosso meio. Também devemos tomar consciência dos prejuízos que ele pode trazer para o desenvolvimento sócio educacional e para a estruturação da personalidade dos estudantes.

Cabe a todos os profissionais e aos pais, estarem atentos aos sinais e buscarem ajuda quando necessário, a fim de combater de vez este mal que está se tornando diário em nosso dia a dia.

2.6 OS REFLEXOS DO *BULLYING* NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Alguns pressupostos básicos da teoria de desenvolvimento, envolvem alguns autores muito conhecidos na área do processo de desenvolvimento e aprendizagem infantil. Os autores Jean Piaget, Henry Wallon e Lev S Vygotsky são teóricos primordiais nesta área de conhecimento.

⁶ TERRA. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/brasil/tragedia-em-goiania-massacres-de-columbine-e-realengo-despertaram-em-adolescente-interesse-em-matar-diz-delegado,46b57759e8827cbb96a87712b7447db5m64zsit9.html>> Acesso: 22 out. 2017.

Segundo Santos, Lima, Silva e Oliveira (2007), a teoria de desenvolvimento de Jean Piaget defende que o indivíduo se desenvolve a partir da ação sobre o meio em que está inserido, priorizando os fatores biológicos que podem influenciar sem desenvolvimento mental.

De acordo com Moreira (1999 *apud* SANTOS, LIMA, SILVA E OLIVEIRA (2007):

Segundo Piaget, o conhecimento não pode ser concebido como algo predeterminado desde o nascimento (inatismo), nem como resultado do simples registro de percepções e informações (empirismo): o conhecimento resulta das ações e interações do sujeito no ambiente em que vive. Todo conhecimento é uma construção que vai sendo elaborada desde a infância, por meio de interações do sujeito com os objetos que procura conhecer, sejam eles do mundo físico ou do mundo cultural. O conhecimento resulta de uma inter-relação do sujeito que conhece com objeto a ser conhecido.

Basicamente, de acordo com Jean Piaget, o desenvolvimento mental acontece espontaneamente através de suas potencialidades e da sua interação com o meio.

De acordo com Souza, Costa, Fernan e Serra (2011 p. 33), “a socialização é o processo pelo qual o indivíduo adquire padrões de comportamentos que são valorizados pelo seu grupo e adequados para a sua adaptação ao seu ambiente social”. Assim, entende-se que o foco neste conceito é o desenvolvimento moral.

Os autores Souza, Costa, Fernan e Serra (2011), ainda mencionam que para Piaget, a moral é construída ao longo do tempo a partir das relações dos sujeitos com os diferentes ambientes em que estão inseridos. Os comportamentos violentos têm origem numa deficiência ou atraso de desenvolvimento cognitivo, geralmente na compreensão das relações interpessoais.

Outro filósofo, professor e pensador importante que estudou a teoria de desenvolvimento foi Henry Wallon. Segundo Basso (2002) na teoria de Wallon, a criança é essencialmente emocional e gradualmente vai constituindo-se em ser sócio-cognitivo.

Para Galvão (2000), Wallon argumenta da seguinte maneira:

Antes do surgimento da linguagem falada, as crianças comunicam-se e constituem-se como sujeitos com significados, através da ação e interpretação do meio entre humanos, construindo suas próprias emoções, que é seu primeiro sistema de comunicação expressiva. Estes processos comunicativos-expressivos acontecem em trocas sociais como a imitação. Imitando, a criança desdobra, lentamente, a nova capacidade que está a construir formando sua subjetividade. Pela imitação, a criança expressa seus desejos de participar e para se diferenciar dos outros constituindo-se em sujeito próprio.

Segundo Neto (2012), Wallon enfatiza a questão do meio na formação do ser humano, sendo que o modo como o indivíduo reagirá a determinadas situações de afeto ou

quaisquer que sejam as situações pela qual passar, dependerá muito do meio, sendo que para Wallon, o meio molda a personalidade humana.

Já o terceiro autor citado, Lev S Vygotsky em sua teoria do desenvolvimento, ela acontece por meio da interação social com outros indivíduos e com o meio.

De acordo com Basso (2002 p. 06):

Segundo Vygotsky, o homem se produz na e pela linguagem, isto é, é na interação com outros sujeitos que formas de pensar são construídas por meio da apropriação do saber da comunidade em que está inserido o sujeito. A relação entre homem e mundo é uma relação mediada, na qual, entre o homem e o mundo existem elementos que auxiliam a atividade humana.

Ainda de acordo com a teoria do autor, a aprendizagem tem um papel fundamental para o desenvolvimento do saber e do conhecimento.

Souza, Costa, Fernan e Serra (2011), mencionam que para Vygotsky, o aprendizado do ser humano se dá ao contato com o meio social, que a cultura se torna parte da natureza humana, levando ao desenvolvimento do indivíduo e aperfeiçoando seu funcionamento psicológico, onde o meio social pode interferir neste funcionamento, no qual a rejeição das diferenças pode prejudicar a vida das crianças e adolescentes.

Todas essas teorias contribuiram para a educação, servindo de tripé no processo de desenvolvimento e aprendizagem infantil. Cada indivíduo tem seu processo de desenvolvimento e aprendizagem em seu tempo, devendo assim respeitar as dificuldades e limites de cada um.

Quando se fala de *Bullying* no contexto escolar, inevitavelmente analisamos os reflexos que podem acarretar no processo de ensino-aprendizagem na criança. Lamentavelmente o *Bullying* afeta diversas áreas na vida das pessoas que sofrem esse fenômeno. Em uma pesquisa realizada por Chiorlin (2007) o *Bullying* traz prejuízos no processo de ensino-aprendizagem, onde muitas vezes gera vítimas com reações de agressividade, medo, queda da autoestima, isolamento, além de prejudicar o aprendizado das vítimas.

De acordo com Silva (2010 p.18):

A criança que está sendo vítima de *Bullying* se isola na hora do recreio ou procura ficar perto de um adulto que possa protegê-la. Na sala de aula pode apresentar postura retraída, tendo dificuldade em perguntar ou de emitir sua opinião, além de demonstrar tristeza e aflição. Nos jogos e trabalhos em grupos, são sempre as últimas a serem escolhidas e vão aos poucos se desinteressando pelas aulas. Seu rendimento escolar tende a cair. Quando não há interações efetivas contra o *Bullying*, o ambiente escolar pode se tornar difícil. As crianças podem ser afetadas, passando a experimentar sentimentos de ansiedade e medo. Alguns alunos que testemunham as situações de

Bullying, quando percebem que o comportamento agressivo não traz nenhuma consequência a quem o pratica, poderão adotá-lo.

Por essa razão, a importância de estar trabalhando este tema com os alunos no dia a dia, pois, às vezes, eles necessitam de uma atenção, um cuidado ou alguém que apenas os escutem, e não encontram em casa, nem na escola. Trabalhar assuntos que estão cada dia mais presentes no cotidiano escolar, é de extrema necessidade e poderá ajudar muitas crianças e adolescentes que se encontram em situações de angústia e desespero.

2.7 A IMPORTÂNCIA DO PROFESSOR DIANTE DO FENÔMENO *BULLYING*

A participação e observação dos professores diante de seus alunos é primordial. De acordo com Oliveira (2012), o fenômeno *Bullying* acontece em quase todas as salas de aula e na presença do professor, onde muitas vezes os professores estão sobrecarregados de trabalho, com salas superlotadas, desmotivados, com excesso de conteúdos para ensinar, além de muitas vezes faltar conhecimentos sobre determinados assuntos, como o *Bullying*, por exemplo, passando muitas vezes “despercebido” pelo professor.

O professor tem um grande desafio dentro da sala de aula, pois são diversos fatores com que este profissional acaba se envolvendo, fazendo muitas vezes o papel de pais, irmãos, conselheiros, psicólogos e amigos dos estudantes.

Segundo uma investigação realizada pela pesquisadora Plan (2009) sobre o fenômeno *Bullying*, a maior parte do problema (50% dos casos) ocorre dentro das salas de aula, mesmo com os professores presentes, onde eles vêem muitas vezes como simples brincadeiras, faltando um olhar profissional e perspicaz para perceber os conflitos. No entanto, sabe-se que o professor não é o único responsável, cabe aos demais profissionais envolvidos no dia a dia das crianças e adolescentes estarem atentos aos sinais deste fenômeno.

Em sua pesquisa Plan (2009) ainda mencionou, Brasília (35,6%) como a capital do *Bullying*, Belo Horizonte em segundo lugar com (35,3%) e Curitiba em terceiro lugar com (35,2%).

Os profissionais da educação têm diversos desafios em seu dia a dia, e o fenômeno *Bullying* é um deles. Assim, cabe a esses profissionais estarem atentos para tentar mudar esta realidade que está atingindo cada vez mais nosso Estado e nossas escolas.

Segundo Demo (2000), o maior e o principal desafio na educação é na qualidade do ensino, e que além de ensinar deve-se ajudar a integrar ensino e vida, conhecimento e ética, reflexão e ação, tendo assim uma visão da totalidade.

Os desafios e dificuldades existem em qualquer ambiente, na educação não poderia ser diferente. Infelizmente muitas vezes não há uma capacitação para trabalhar com este tema e outros diversos que aparecem todos os dias no âmbito escolar, os professores precisam ter um caminho, uma direção, para que possam estar encaminhando e ajudando as crianças e adolescentes que estão passando por algum problema que possa estar afetando sua vida escolar e pessoal.

Capacitar os profissionais da educação deveria acontecer assim que eles estivessem ingressando no meio escolar. São diversos os problemas que eles irão enfrentar, pois sabemos que há uma variedade de culturas, etnias e valores diferenciados.

Conforme Fante (2005, p. 169):

Os cursos de graduação devem focar sua atenção na necessidade de prevenção à violência. Para isso, devem oferecer aos futuros profissionais de educação os recursos psicopedagógicos específicos que os habilitem a uma atuação eficaz em seus locais de trabalho para que eles utilizem metodologias estimuladoras do diálogo como forma de resolução de conflitos; que promovam a solidariedade e a cooperação entre os alunos, criando com isso um ambiente emocional que incentive a aceitação e o respeito às diferenças inerentes a cada indivíduo; que promovam a tolerância nas relações interpessoais e socioeducacionais.

É de extrema importância ocorrer intervenções pedagógicas adequadas para conseguir de alguma forma resolver determinado problema. O professor é o principal mediador diante das situações que surgem dentro da sala de aula, por isso a importância de eles estarem capacitados para atender essas necessidades.

Segundo Fante (2005) para ocorrer a prevenção do *Bullying*, deve-se iniciar pela capacitação dos profissionais da educação, a fim de que saibam lidar, identificar e distinguir este fenômeno, para assim terem estratégias de intervenção e prevenção do *Bullying* no âmbito escolar.

2.8 PROJETOS ANTIBULLYING

Uma das principais autoras que trabalha este tema, desenvolveu um projeto a fim de que o tema *Bullying* seja realmente trabalhado e feito uma intervenção no âmbito escolar.

Segundo Faria (2016), o projeto “Programa Educar para Paz” da autora Cléo Fante, tem como objetivo possibilitar os responsáveis pelo desenvolvimento socioeducacional, a conscientização e a identificação deste fenômeno por meio de sua caracterização específica, o diagnóstico do fenômeno por meio do conhecimento da realidade escolar, obtido pelos instrumentos de investigação utilizados e as estratégias psicopedagógicas de intervenção e prevenção, de fácil aplicabilidade entre os alunos, adaptando, se necessário, de acordo com cada escola.

De acordo com a Lei nº 14.651, de janeiro de 2009 “[...] fica autorizado instituir o programa de combate ao *Bullying*, de ação interdisciplinar e de participação comunitária nas escolas públicas e privadas do Estado de Santa Catarina”. (SANTA CATARINA, 2009)

O Art. 5º desta lei tem como objetivos do programa:

- I - prevenir e combater a prática de *bullying* nas escolas;
- II - capacitar docentes e equipe pedagógica para a implementação das ações de discussão, prevenção, orientação e solução do problema;
- III - incluir, no Regimento Escolar, após ampla discussão no conselho da escola, regras normativas contra o *bullying*;
- IV - esclarecer sobre os aspectos éticos e legais que envolvem o *bullying*;
- V - observar, analisar e identificar eventuais praticantes e vítimas de *bullying* nas escolas;
- VI - discernir, de forma clara e objetiva, o que é brincadeira e o que é *bullying*;
- VII - desenvolver campanhas educativas, informativas e de conscientização com a utilização de cartazes e de recursos de áudio e audiovisual;
- VIII - valorizar as individualidades, canalizando as diferenças para a melhoria da autoestima dos estudantes;
- IX - integrar a comunidade, as organizações da sociedade e os meios de comunicação nas ações multidisciplinares de combate ao *bullying*;
- X - coibir atos de agressão, discriminação, humilhação e qualquer outro comportamento de intimidação, constrangimento ou violência;
- XI - realizar debates e reflexões a respeito do assunto, com ensinamentos que visem a convivência harmônica na escola;
- XII - promover um ambiente escolar seguro e sadio, incentivando a tolerância e o respeito mútuo;
- XIII - propor dinâmicas de integração entre alunos e professores;
- XIV - estimular a amizade, a tolerância, o respeito às diferenças individuais, a solidariedade, a cooperação e o companheirismo no ambiente escolar;
- XV - orientar pais e familiares sobre como proceder diante da prática de *bullying*;
- XVI - auxiliar vítimas e agressores. (SANTA CATARINA, 2009)

Estes programas *Antibullying* vêm com o intuito de reduzir este fenômeno nas escolas. Lopes Neto (2011 *apud* FARIA 2016), menciona que esses programas podem ser incluídos no cotidiano escolar, inserindo o *Bullying* como um tema transversal e permanente em todos os momentos da vida escolar.

Frick (2016) menciona que em vários países as escolas contam com espaços e tempos de tutorias onde discutem questões ligadas à convivência escolar. No Brasil, deve-se estar atento para este fato, buscando perceber as necessidades a fim de criar estratégias para combater os problemas encontrados no ambiente escolar.

O envolvimento de professores, funcionários, pais, alunos e comunidade é fundamental para iniciar uma melhoria no ensino, além de ser um auxílio para a implementação de projetos para a redução do *Bullying*. A participação de todos poderá ajudar muito na melhoria do ensino e educação das crianças e adolescentes.

3. MÉTODOS

Quanto aos procedimentos, esta pesquisa classificou-se como sendo de campo. Os objetivos propostos nesta pesquisa tiveram caráter descritivo. A pesquisa foi realizada em uma escola pública e uma escola privada, localizada no município de Tubarão/SC, com nove professores das séries iniciais. Para realizar a pesquisa, levou-se à instituição um termo de consentimento livre e esclarecido, contendo as informações do projeto e assinaturas dos entrevistados.

Como instrumento para a coleta de dados, foi utilizado um questionário. O questionário escolhido para a aplicação foi uma versão adaptada de uma pesquisa realizada na Universidade de Columbia nos Estados Unidos, pelo pesquisador Brian Perkins (2015).

O mesmo foi deixado na escola para as professoras responderem, deixando-me à disposição em casos de dúvidas. O questionário era composto com dez perguntas de múltipla escolha relacionadas à presença ou não de *Bullying* no contexto escolar, as dificuldades quanto ao processo de ensino-aprendizagem e os desafios que os professores enfrentam no dia a dia com os alunos.

Responderam o questionário nove professores das séries iniciais, todas do sexo feminino. Cinco professoras de uma escola privada no município de Tubarão/SC, com idade mínima de 30 anos e máxima de 56 anos. O tempo de trabalho das profissionais nas instituições varia de um ano a trinta e cinco anos e todas residem no município de Tubarão/SC.

Na escola pública, foram entrevistadas quatro professoras, com idade entre 30 a 40 anos, com tempo de serviço variando de 1 ano a 6 anos. Nesta escola, foi entrevistada uma professora a menos, pois uma das professoras entrevistada no período matutino trabalhava com

uma turma (3º ano), e no período vespertino com outra turma (4º ano). Quanto ao estado civil, sete professoras eram casadas, uma solteira e uma não respondeu.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na questão 1 que aborda sobre as professoras serem capazes de deter casos de *Bullying* entre os alunos, três professoras da escola privada e uma da escola pública relataram que concordam parcialmente que são capazes. Sendo que duas professoras de cada escola descrevem que “talvez” fossem capazes. Somente uma da escola pública ressalta que concorda plenamente em ser capaz de deter casos de *Bullying* entre os alunos.

De acordo com uma pesquisa realizada por Oliveira (2015), o *Bullying* é algo que já está no cotidiano, e está cada vez mais normal presenciar situações de *Bullying* dentro do ambiente escolar, onde muitos alunos demonstram claramente estarem envolvidos, de alguma forma, com agressões e intimidações aos colegas. Infelizmente este fator vem crescendo cada dia mais no ambiente escolar e isso se torna preocupante, pois acaba prejudicando a vida das crianças e adolescentes, causando danos que podem acarretar problemas futuros.

Na questão 2, questionava-se se ocorreu encaminhamentos de casos de *Bullying*, pelo menos uma vez ao mês na sala de aula. Três professoras da escola pública concordam parcialmente sobre o encaminhamento de casos e uma professora desta escola, menciona que “talvez” ocorra este encaminhamento. Já na escola privada, duas professoras discordam parcialmente, duas discordam plenamente e uma não respondeu.

As respostas foram bastante variadas, na escola pública segundo as professoras ocorre com mais frequência. Já na escola privada, observa-se que há uma maior discordância quanto ao encaminhamento mensal de casos de *Bullying*.

De acordo com Viegas e Castro (2013), estatisticamente não há diferença entre classes ricas e pobres, o que muda são os valores sociais. Os autores mencionam que crianças vindas de uma família em que a violência é instrumento de imposição de autoridade acabam desenvolvendo comportamentos agressivos. Não quer dizer que isso possa ocorrer apenas em escolas públicas. Observar o *Bullying* de forma rápida é essencial para que estes casos não se espalhem e não se tornem frequentes no dia a dia, tanto dos alunos como dos professores.

De acordo com Almeida (2011) cada situação de *Bullying* pode variar, com isso deve-se estar atento e sempre prevenindo, para que as crianças e adolescentes tenham um desenvolvimento e convivência social sadia e segura.

Na questão 3, era uma questão de múltipla escolha, o que possibilitava às professoras de assinalar até três opções. Esta questão estava relacionada ao fator que mais compromete/dificulta o processo de ensino-aprendizagem na escola. As opções apresentadas eram: a indisciplina/desinteresse dos alunos, a falta de envolvimento dos professores com as escolas e com os alunos, a falta de envolvimento da direção da escola com o projeto pedagógico, a falta de envolvimento da direção da escola com o projeto pedagógico, a falta de envolvimento dos pais dos alunos com o ensino-aprendizagem, o baixo nível de capacitação/formação dos professores, a insuficiência de materiais didáticos na escola e o desrespeito dos alunos perante ao professor e outros colegas.

Tanto na escola privada, como na escola pública, três professoras de cada escola ressaltaram a indisciplina/desinteresse dos alunos como principal dificuldade. Uma professora de cada instituição mencionou que a falta de envolvimento dos pais na escola compromete o processo de ensino/aprendizagem. E uma professora da escola privada não respondeu a questão.

Souza (2009) destaca que a escola deve ter uma parceria com a família, levando-a a vivenciar as situações do dia a dia na escola, causando assim o interesse da família, de modo que eles se sintam parte da escola. Essa interação é necessária, pois assim ambas conhecem suas necessidades e limitações, buscando caminhos que permitam e facilitem o entrosamento família/escola, obtendo assim o sucesso educacional da criança e o adolescente.

A indisciplina, como pode-se observar, ocorre tanto em escola pública, quanto em escola privada. Segundo Oliveira (2009) “[...] a indisciplina é um dos fatores que tem gerado mais desgaste na rotina do professor, atos disciplinares comprometem o seu estado emocional, gerando sentimentos de frustração, tensão, desânimo e baixo autoestima.” Nesta mesma linha de pensamento Banaletti e Dametto (2015), mencionam que se faz necessário encontrar mecanismos que auxiliem na resolução deste problema na escola, pois ambos (professores e alunos) estão sendo severamente prejudicados.

Na questão 4 abordava sobre os alunos confiarem nos professores para abrir assuntos pessoais. Uma professora da escola privada concorda plenamente. Três professoras da escola privada e uma da escola pública concordam parcialmente. Já uma professora da escola privada e duas da escola pública mencionam que “talvez” os alunos abram assuntos pessoais. E uma professora da escola pública discorda parcialmente nesta questão.

De acordo com Freschi e Freschi (2013) ser um bom profissional não significa apenas saber os conteúdos e comunicar-se bem, mas também perceber a importância do afeto e da formação de valores para o crescimento pessoal dos alunos.

A escola acaba sendo a segunda casa dos alunos, com isso os profissionais que estão envolvidos neste dia a dia devem estar atentos aos detalhes, pois sabe-se que o educador tem um papel primordial na vida das crianças e adolescentes, podendo com sua ajuda, carinho e atenção evitar violências ocorridas dentro e fora do âmbito escolar.

Na questão 5 tratava-se sobre as professoras importarem-se com o sucesso e fracasso dos alunos. Esta questão foi unânime, onde todas concordaram plenamente.

De acordo com Freschi e Freschi (2013 p. 04):

Estabelecer vínculos afetivos, de forma que não comprometam e não modifiquem a postura e a ética profissional é fundamental para o bom funcionamento do trabalho e para que o processo de aprendizagem aconteça de forma prazerosa para o professor e para os alunos.

Os professores estabelecerem boas relações com os alunos é de extrema importância, pois isso ajudará muito no desenvolvimento e aprendizado dos mesmos. A partir do momento em que o professor está em sala de aula, ele vai se importar se os alunos estão aprendendo ou não, com isso os autores Freschi e Freschi (2013), ressaltam que ensinar é uma troca de informações, é contribuir para a reconstrução de conhecimentos dos alunos, e um fator primordial nesta relação é importar-se de modo que os alunos cresçam como pessoas.

Na questão 6, menciona-se o *Bullying* vem crescendo no âmbito escolar. Três professoras da escola pública concordam plenamente que isso vem acontecendo. Duas da escola privada e uma da escola pública concordam parcialmente. Três professoras da escola privada ressaltam que “talvez” o *Bullying* esteja crescendo no âmbito escolar.

De acordo com Fante (2005), no Brasil o fenômeno *Bullying* é uma realidade inegável nas escolas, independente de turno de estudo, localização da escola, tamanho da escola ou da cidade onde ela se localiza, ou se são séries finais ou iniciais, ou ainda se a escola é pública ou privada. Segundo Almeida (2011) resalta que às vezes o que ocorre é a falta de conhecimento dos profissionais para enxergar essa prática como uma violência.

Deve-se propor uma intervenção e prevenção do *Bullying* na escola, envolvendo os professores, gestores, pais e comunidade de forma que este problema seja discutido em grande grupo, causando um impacto na vida das pessoas, e destacando os prejuízos que este fenômeno pode causar na vida das crianças e adolescentes. Com cada pessoa fazendo sua parte, pode-se tornar uma escola e uma sociedade melhor.

Na questão 7 foi uma questão de múltipla escolha, onde as professoras tinham a opção de assinalar até três opções. Tratava-se sobre qual o fator que mais facilitava o processo de ensino-aprendizagem na escola. Cinco professoras da escola privada e quatro da escola pública mencionam que o comprometimento da escola facilita nesta questão. Duas da escola privada e quatro da escola pública destacam a autonomia do professor diante dos aspectos pedagógicos da escola. Uma professora da escola privada destaca a qualidade dos materiais oferecidos pela instituição e uma professora da escola privada menciona sobre o mantimento da ordem interna da escola como facilitador para o processo de ensino-aprendizagem.

Na questão 8 abordou sobre as professoras acharem fácil, difícil ou impossível ocorrer casos de *Bullying* na escola. Na escola pública as professoras foram unânimes em mencionar que é fácil ocorrer *Bullying* na escola. Uma da escola privada também concordou ser fácil. Três da escola privada ressaltaram ser difícil e uma não respondeu.

Segundo a autora Fante (2005 p. 91):

Para que se possam desenvolver estratégias de intervenção e prevenção ao Bullying em uma determinada escola, é necessário que a comunidade escolar esteja consciente da existência do fenômeno e, sobretudo, das consequências advindas desse tipo de comportamento.

Muitas vezes esse fenômeno pode passar despercebido pelo professor, por isso cabe a todos os profissionais da instituição estar atento os detalhes, pois, às vezes são nesses pequenos detalhes que podem estar acontecendo essa violência que muitas vezes não é identificada facilmente.

Fante (2005) ainda destaca que por não ser um fenômeno fácil de ser identificado, os professores e profissionais que estão no dia a dia com as crianças e adolescentes, devem ter preparo para que possam intervir de forma correta e de forma que ajude realmente as crianças e adolescentes que sofrem deste fenômeno.

Na questão 9, tratou-se sobre ter suficientes oportunidades de qualificação e aprimoramento profissional na escola. Quatro professoras da escola privada concordam plenamente. Uma professora da escola privada e duas da escola pública concordam parcialmente. Duas professoras da escola pública mencionam que “talvez” há oportunidades de aprimoramento e qualificação na escola.

De acordo com Aleixo (2014 p. 23):

A formação docente não termina com a formação, tampouco com a qualificação profissional. Mais importante que a formação profissional, a formação do professor, como a de qualquer outro profissional da atualidade, perpassa toda a sua vida na profissão.

O professor, assim como qualquer outra profissão está sempre em desenvolvimento e aprendizado, sabe-se que muitas vezes as escolas não têm condições ou meios de estar trazendo aperfeiçoamentos para os professores, com isso cabe muitas vezes a esses profissionais buscar novos conhecimentos “fora” da escola, através de capacitações, congressos, palestras, cursos, entre outros.

Na questão 10 questionou sobre as professoras perseguir constantemente oportunidades de se tornar uma melhor profissional. Quatro professoras da escola privada e uma da escola pública concordam plenamente. Uma da escola privada e duas da escola pública concordam parcialmente nesta questão. E uma da escola pública menciona que “talvez” busca novas oportunidades para se tornar uma melhor profissional.

Segundo Araújo e Yoshida (2009 p. 06):

O educador conseguirá manter-se em constante aprendizado para que possa acompanhar o desenvolvimento da sociedade e melhor exercer sua profissão, buscando meios para tornar o processo educacional mais significativo, utilizando os recursos tecnológicos e fontes de informação para adquirir e construir conhecimentos, favorecendo a progressão do aluno na aprendizagem, compreendendo que o papel de educar consiste em selecionar os estímulos adequados à promoção do desenvolvimento do educando, vendo-o sempre como um todo, observando suas potencialidades e dificuldades.

O professor deve estar em constante aprendizado e buscando sempre novos conhecimentos para sua vida profissional, pois é uma profissão que acolhe inicialmente as crianças, com isso devem estar procurando sempre aprimorar seus conhecimentos, para poder oferecer um melhor aprendizado e desenvolvimento para as crianças e adolescentes.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao pesquisar sobre o tema *Bullying*, percebe-se que de alguma forma ele acontece com frequência dentro da escola. Com base no que foi discutido conclui-se que foi possível alcançar tanto o objetivo geral quanto os objetivos específicos desta pesquisa.

De uma forma geral, as professoras relataram que ocorrem casos de *Bullying* no âmbito escolar, e ficou mais evidente na rede pública. Na escola privada onde não foi destaque ocorrer à prática, a autora Fante (2005) ressalta que muitas vezes o que acontece é a falta de conhecimento ou fatos que passam despercebidos diante “dos olhos” do professor.

Quanto à preocupação com o sucesso de seus alunos, foram unânimes em destacar que torcem muito por eles. Quanto ao processo de ensino-aprendizagem, foram destacados diversos fatores, porém os principais citados foram o desinteresse dos alunos e a falta de envolvimento dos pais.

Ao verificar as oportunidades e aprimoramentos profissionais que os professores recebem para trabalhar este fenômeno no âmbito escolar, a resposta foi bastante variada, pois algumas concordaram que buscam oportunidades para desenvolver um melhor trabalho na escola, enquanto outras responderam que talvez busquem essas oportunidades. Muitas vezes, depende muito do incentivo que esses profissionais têm dentro do âmbito escolar, que acabam motivando ou desmotivando para estar buscando novos aprendizados.

Outro ponto de destaque é que, tanto em escola pública quanto na escola privada, por mais que possam ocorrer diferenças, ambas relatam que já presenciaram casos de *Bullying* no âmbito escolar.

É de conhecimento que há obstáculos tanto para os profissionais, como para quem sofre o *Bullying*, porém é um assunto que é importante ser debatido, pois como se pode perceber por esta pesquisa, o *Bullying* ocorre nas escolas (tanto na pública, como privada), e deve ser um assunto destacado, comentado e analisado diariamente pelos profissionais que estão envolvidos no dia a dia das crianças e adolescentes, de modo que consigam detectar e combater este fenômeno que está cada dia mais presente no âmbito escolar.

REFERÊNCIAS

ALEIXO, J, C, D, C. **Professores do 1º Segmento do Ensino Fundamental da Cidade de Nova Iguaçu:** Aproximações entre Qualificação e Identidade. Dissertação, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Nova Iguaçu/RJ, 2014.

ARAÚJO, P, L. YOSHIDA, S, M, P, F. **Professor:** desafios de prática pedagógica na atualidade. Monografia, Faculdade Integradas Mato Grossenses de Ciências Sociais e Humanas. Cuiabá, 2009.

BANALETI, S, M, M. DAMETTO, J. **Indisciplina no contexto escolar:** Causas, conseqüências e perspectivas de intervenção. Revista de Educação do Ideau Rei. Vol. 10 – nº 22, julho a dezembro, 2015.

BASSO, C, M. Disponível em: <http://coral.ufsm.br/lec/02_00/Cintia-L&C4.htm> Acesso: 18 nov. 2017.

CLICRS. Disponível em: <<http://dc.clicrbs.com.br/sc/estilo-de-vida/noticia/2016/08/quase-70-dos-alunos-da-ultima-serie-do-ensino-fundamental-em-sc-dizem-ter-sofrido-bullying-7335559.html>> Acesso: 15 set. 2017.

CHIORLIN, M, D, O. **A influência do Bullying no processo de ensino-aprendizagem.** Monografia. Universidade Federal de São Carlos, 2007, São Carlos.

DEMO, Pedro. **Conhecer e aprender:** sabedoria dos limites e desafios. Porto Alegre: Artmed, 2000.

FANTE, C. **Fenômeno Bullying:** como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. São Paulo: Verus, 2005.

FANTE, C; PEDRA, J.A. **Bullying escolar:** perguntas e respostas. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FARIA, A, P, G. **Violência Escolar:** Conhecimentos e práticas docentes. 2016. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Caicó, 2016.

FRESCHI, E, M. FRESCHI, M. **Relações interpessoais:** a construção do espaço artesanal no ambiente escolar. Revista de Educação Ideau. Vol.8, nº18, Julho – Dezembro, 2013.

FRICK, L, T. **Estratégias de prevenção e contenção do Bullying nas escolas:** as propostas governamentais e de pesquisa no Brasil e na Espanha. 2016. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Presidente Prudente, 2016.

GALVÃO, I. **Henri Wallon:** uma concepção dialética do desenvolvimento infantil: 7ª. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

HOERTEL, P, L. **Isso é mesmo Bullying?** 2013. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO. Rio de Janeiro, 2013.

LEMOS, A, C, M. **Uma visão psicopedagógica do *Bullying* escolar.** Revista Psicopedagogia, 2007.

MEDEIROS, A, V, M. **O fenômeno *Bullying*:** (In)definições do termo e suas possibilidades. 2012. Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2012.

OLIVEIRA, C, D, W. **O papel do professor diante do *Bullying* na sala de aula.** 2012. Monografia de Especialização. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Medianeira. 2012.

OLIVEIRA, R, M. SILVA, C, G. LIMA, R, J. SANTOS, J, D, G. **As contribuições da teoria Piagetiana para o processo de ensino-aprendizagem.** 2013. Faculdade de Educação, Ciência e Letras do Sertão Central. Ceará, 2007.

PEREIRA, B. O. **Para uma escola sem violência:** estudo e prevenção das práticas agressivas entre as crianças. 2002.

PERKINS, B.K. Gestão do Clima Escolar. (2015). Disponível em: <http://gestaoeducacionalempauta.blogspot.com/2015/08/questionario-sobre-o-clima-escolar-com.html>. Acesso: 20 de novembro de 2017.

PLAN. Disponível em: <<http://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,estudantes-dizem-mais-praticar-do-que-sofrer-bullying-mostra-ibge,10000072034>> Acesso: 22 out. 2017.

QUINTANILHA, C, M. **Um olhar exploratório sobre a percepção do professor em relação ao fenômeno *Bullying*.** Monografia. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. São Gonçalo, 2011.

SANTA CATARINA, **Lei nº. 14.651, de 12 de janeiro de 2009.** Fica o Poder Executivo autorizado a instituir o Programa de Combate ao *Bullying*, de ação interdisciplinar e de participação comunitária nas escolas públicas e privadas do Estado de Santa Catarina. Disponível em: <http://leis.alesc.sc.gov.br/html/2009/14651_2009_Lei.html> Acesso: 04 nov. 2017.

SILVA, F. DASCANIO, D. VALLE, T, G, M, D. **O fenômeno *Bullying*:** diferenças entre meninos e meninas. Revista Reflexão e Ação. Santa Cruz do Sul, v.24. n.1, jan/abr: 2016. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/7014>> Acesso: 12 set. 2017.

SOUZA, E, R. COSTA, M, F. FERNAN, J, S. SERRA, J, M, S. ***Bullying*: o que dizem as principais teorias da educação a respeito desse tipo de violência?** **Revista Informartigos.** Brasília, 2011. Disponível em: <http://www.academia.edu/28858156/Bullying_o_que_dizem_as_principais_teorias_da_educacao_a_respeito_desse_tipo_de_violencia> Acesso: 16 nov. 2017.

VECHI, A, D, K. ***Bullying* o perigo nas escolas.** **Revista de Educação.** v.15. n. 19, 2012. Disponível em: <<http://www.pgsskroton.com.br/seer/index.php/educ/article/view/1706>> Acesso: 13 set. 2017.

SILVA, D,D,F. **O Bullying e seus reflexos no ensino e aprendizagem.** Monografia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010.

SOUZA, C, P. ALMEIDA, L, C, P. **Bullying no ambiente escolar.** Monografia. Universidade Federal do Pará. Pará, 2011.

SOUZA, M, E, P. **Família/Escola: A importância dessa relação no desempenho escolar.** Programa de desenvolvimento educacional. Paraná, 2009.

NETO, B, G. **Uma breve visão sobre a afetividade nas teorias de Wallon, Vygotsky e Piaget.** 2012. Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2012.

TORO, G, V, R. NEVES, A, S. REZENDE, P,C, M. **Bullying, o exercício a violência no contexto escolar:** reflexões sobre um sintoma social. *Psicol. teor. prat.* 2010, vol.12, n.1. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1516-36872010000100011> Acesso: 04 out.2017.

VIEGAS, F. CASTRO, J. **Generalizado: Bullying** está em escolas públicas e particulares. Belo Horizonte, 2013. Disponível em: <<https://www.otempo.com.br/cidades/generalizado-bullying-est%C3%A1-em-escolas-p%C3%ABlicas-e-particulares-1.676046>> Acesso: 03 mar. 2018.